

O COMÉRCIO MARÍTIMO DO MARANHÃO NO SÉCULO XIX

Ricardo Zimbrão Affonso de Paula[♦]
Mario Roberto Melo Silva[⊗]

RESUMO: O seguinte artigo apresenta o movimento comercial marítimo da Província do Maranhão no século XIX, especificamente entre as décadas de 1840 e 1870. Este estudo se baseia nos movimentos de exportação e importação do comércio marítimo, tanto em relação ao exterior quanto ao comércio entre províncias. Além disso, identificamos os principais parceiros deste comércio, de acordo com os valores transacionados entre cada destino e origem. Outra variável apresentada diz respeito aos dois principais produtos exportados pela Província do Maranhão: o algodão e o açúcar.

Palavras-Chave: História Econômica, Maranhão, Século XIX, Comércio Marítimo, Balança Comercial.

ABSTRACT: The following article presents the Província do Maranhão's maritime commercial movement of in the nineteenth century, specifically between the decades of 1840 and 1870. This study is based on the export and import's movements of the maritime trade, both on the outside as to trade between provinces. Furthermore, we identified the main partners of this trade, according to the values traded between each destination and origin. Another variable concerns presented to the two main products exported by the Província do Maranhão this season: the cotton and sugar.

Keywords: Economic History, Maranhão, Nineteenth Century, Maritime Commercial, Balance of Trade.

I – Introdução.

O estudo que ora apresentamos é sobre o movimento comercial marítimo da Província do Maranhão no século XIX, e se insere num projeto de pesquisa mais amplo, cuja finalidade é estudar o movimento comercial marítimo do Brasil ao longo do oitocentos. Tal projeto temático tem como objetivo de construir uma série estatística nacional do comércio marítimo brasileiro, do *trend* conjuntural dos preços e a participação das regiões e províncias brasileiras no quadro desse comércio.

O projeto visa percorrer a documentação oficial expedida pela presidência da província do Maranhão ao longo do século XIX, os chamados *Relatórios de Presidentes da Província*¹, e os documentos arquivados no sítio Memória Estatística do Brasil².

[♦] Doutor em Economia Aplicada pela Unicamp; Prof.º do Departamento de Economia da UFMA; Membro do Grupo de Pesquisa Economia e Sociedade Brasileira no Oitocentos. E-mail: ricardo.zimbrao@gmail.com.

[⊗] Graduando do Curso de Ciências Econômicas da UFMA; Bolsista PIBIC – Grupo de Pesquisa Economia e Sociedade Brasileira no Oitocentos. Email: marobto@gmail.com.

O objetivo deste artigo é o de apresentar dados e alimentar uma série estatística do movimento comercial do porto de São Luís no séc. XIX com ênfase na balança comercial da província, tipos de produtos que exportava e importava e com quem comerciava – cabotagem e internacional. Infelizmente, não pudemos abordar neste trabalho movimento dos preços das principais mercadorias comercializadas, posto que não concluímos o levantamento dos dados para construção da série. É importante ressaltar que o projeto está ainda em sua fase inicial e que, portanto, este trabalho não é conclusivo.

II – Balança Comercial.

Durante o século XIX, o movimento comercial da província do Maranhão apresenta-se predominantemente deficitário. Isto ocorre tanto em relação ao comércio exterior quanto em relação ao comércio entre províncias. No entanto, a análise da balança comercial do período correspondente, em relação a qualquer província, exige mais do que a simples interpretação do saldo entre exportação e importação.

O comércio imperial caracterizava-se pela subdivisão de exportação e importação em categorias menores e mais específicas que, inevitavelmente, nos impôs à seguinte delimitação:

I. Exportação

1. Exportação de gêneros nacionais para países estrangeiros;
2. Exportação de gêneros nacionais para outras províncias do Império;
3. Exportação de mercadorias estrangeiras para outras províncias;
4. Reexportação de mercadorias estrangeiras para fora e dentro do Império;

II. Importação

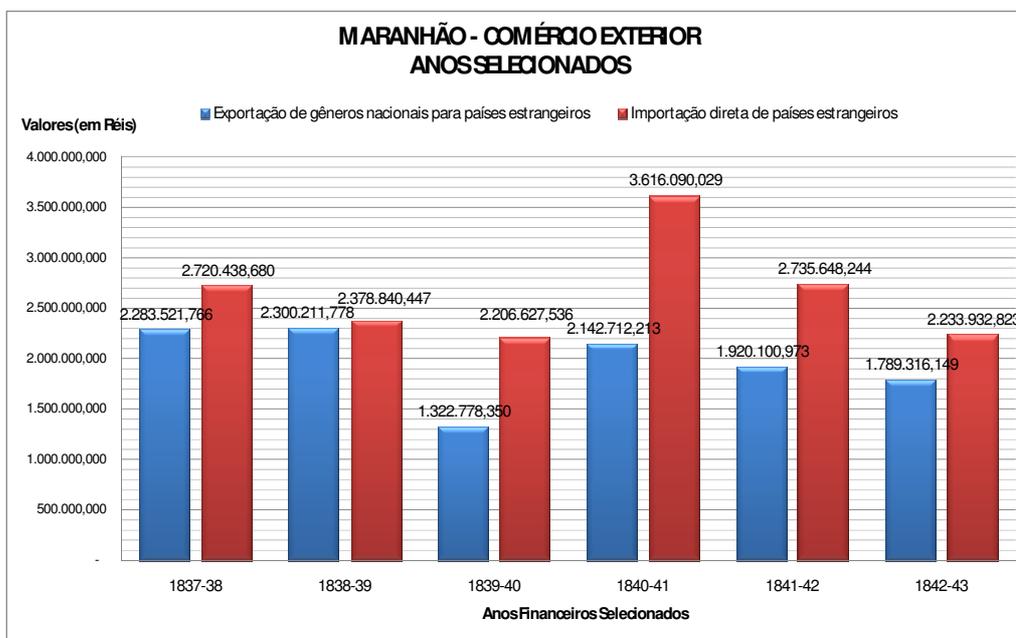
1. Importação direta de países estrangeiros;
2. Importação de produtos nacionais de outras províncias do Império;
3. Importação de mercadorias estrangeiras de outras províncias;

A partir de tal estrutura, e pela representação quantitativa das categorias apresentadas, partimos para o estudo das tendências do comércio maranhense. Para isso, as colocações de nossa análise se basearam, especificamente para este trabalho, na demonstração do comércio de exportação e importação de gêneros nacionais entre o Maranhão e países estrangeiros – Comércio Exterior – e entre o Maranhão e as demais províncias do Império – Comércio Interno.

Como já citado, seja no âmbito externo seja no interno, a balança comercial maranhense obteve níveis de importação superiores às exportações por longos períodos, de modo que, considerando-se o quadrante a que se restringe esta pesquisa – período Imperial –, somente na década de 60 tal movimento apresentou-se de modo contrário. A partir dessa consideração, vamos interpretar as demonstrações citadas através da comparação gráfica entre aquelas diferentes especificações.

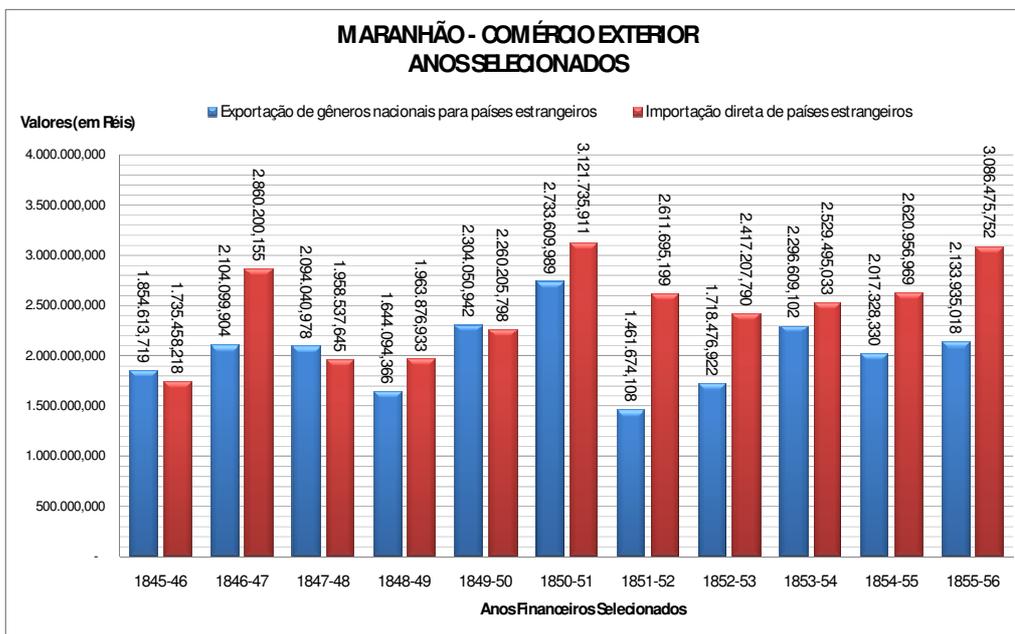
Podemos afirmar logo de início que é o comércio exterior que assegura o superávit comercial naqueles anos. Como a nossa base de dados encontra-se desprovida em alguns anos, fizemos os recortes apresentados nos gráficos 1, 2 e 3. No gráfico 1 estão relacionados os anos financeiros entre 1837 e 1843 e no gráfico 2 os anos financeiros entre 1845 e 1856. Nesses dois períodos, as exportações somente superam as importações nos anos financeiros de 1845-46 e 1847-48. No gráfico 3 estão relacionados os anos de 1857-58 a 1877-78. Este período é essencial por reunir uma seqüência anual em que as exportações superam as importações, o que ocorre entre de 1862-63 até 1871-72.

GRÁFICO 1



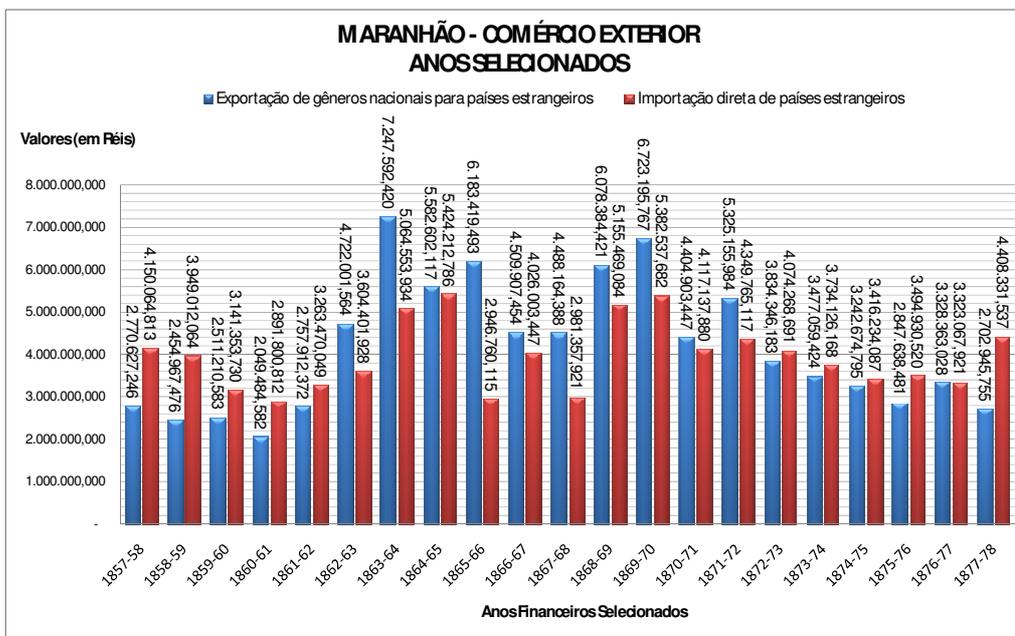
Fonte: Center for Research Libraries. Sítio www.clr.edu. Relatórios dos Presidentes de Província

GRÁFICO 2



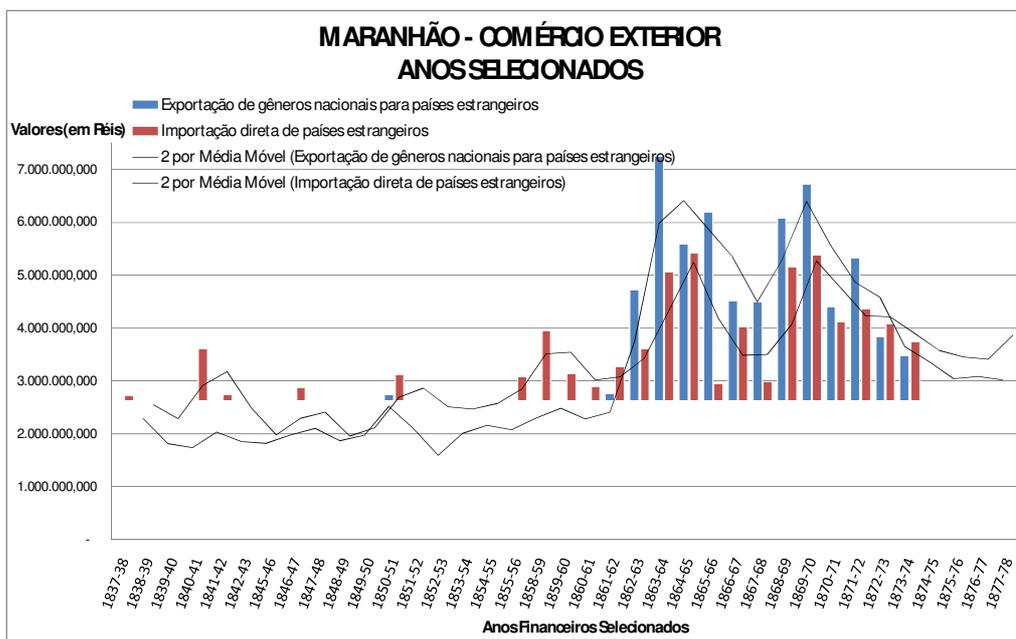
Fonte: Center for Research Libraries. Sítio www.clr.edu. Relatórios dos Presidentes de Província

GRÁFICO 3



Fonte: Center for Research Libraries. Sítio www.clr.edu. Relatórios dos Presidentes de Província

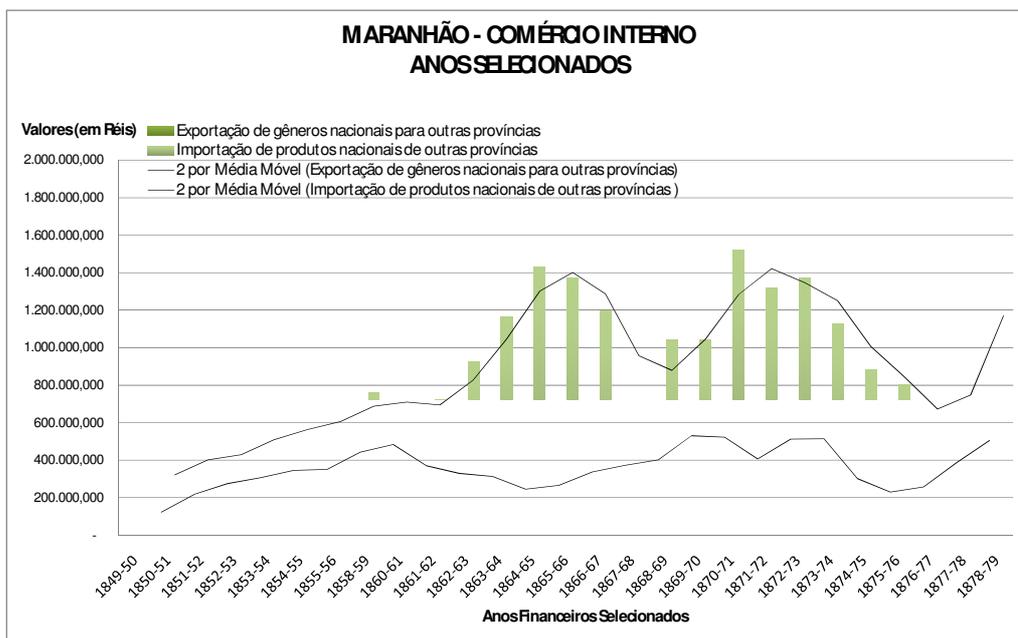
GRÁFICO 4



Fonte: Center for Research Libraries. Sítio www.clr.edu. Relatórios dos Presidentes de Província

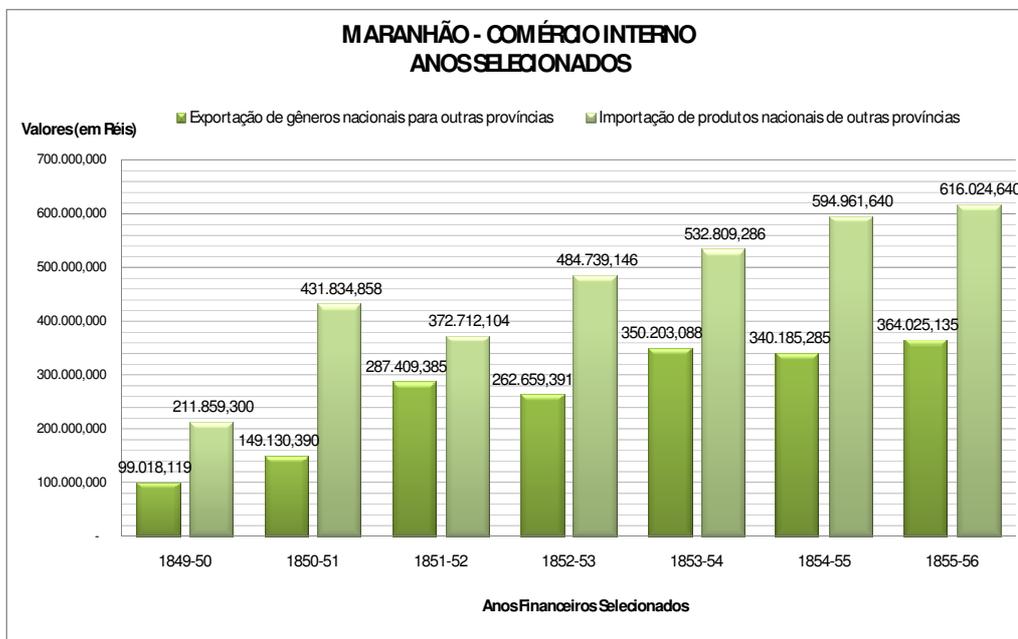
O gráfico 4 mostra o comportamento do comércio exterior ao longo de todo o período. O movimento das variáveis analisadas se mostra ainda mais evidente quando consideramos a linha de Média Móvel apresentada no gráfico. Tais linhas se aproximam justamente nos anos em que o saldo tende a mudar, mas não se mantém por longo período, ou seja, se limita aos poucos anos já citados. Somente quando esse movimento se aplica a vários anos, como ocorreu na década de 60, é que a tendência se inverte.

GRÁFICO 5



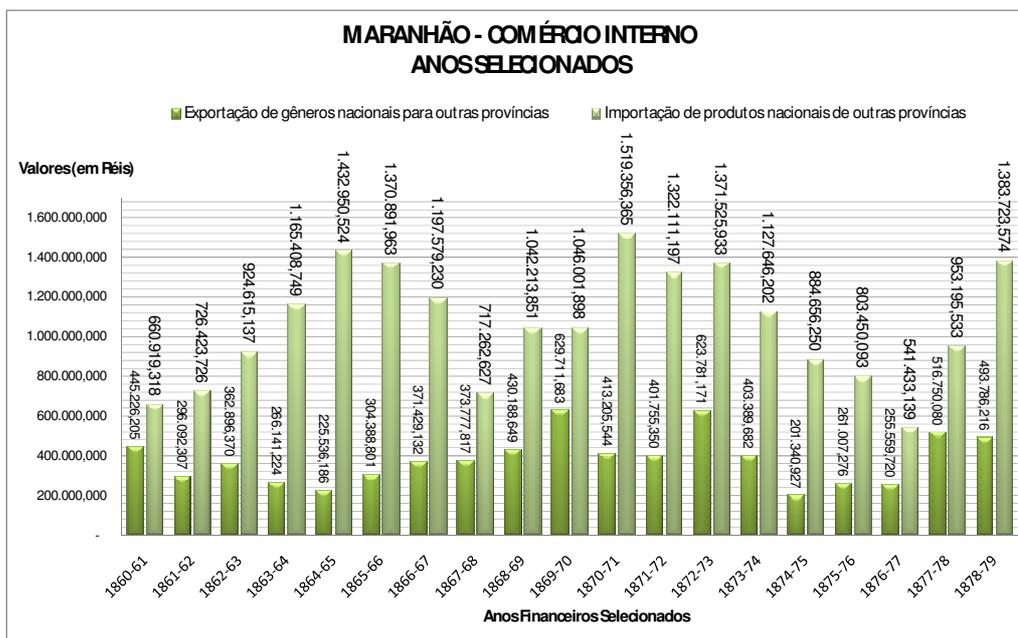
Fonte: Center for Research Libraries. Sítio www.clr.edu. Relatórios dos Presidentes de Província

GRÁFICO 6



Fonte: Center for Research Libraries. Sítio www.clr.edu. Relatórios dos Presidentes de Província

GRÁFICO 7



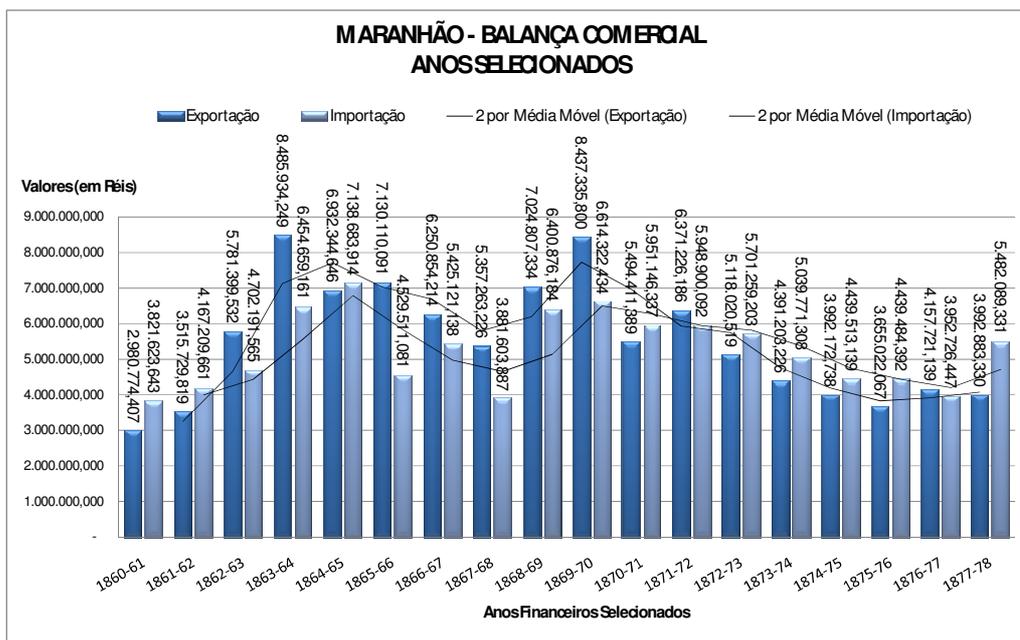
Fonte: Center for Research Libraries. Sítio www.clr.edu. Relatórios dos Presidentes de Província

Ao considerarmos o movimento do Comércio Interno, mostrado nos Gráfico 5, 6 e 7, ratificamos a informação de que a variável que promoveu o superávit obtido durante a década de 60 foi o comércio de gêneros nacionais para o estrangeiro, já que, durante o mesmo período e por todo ele, o comércio de gêneros nacionais para outras províncias apresenta-se claramente deficitário. Mesmo sem considerarmos os outros tipos de comércio - exportação de mercadorias estrangeiras para outras províncias, reexportação de mercadorias estrangeiras para fora e dentro do Império, e, importação de mercadorias estrangeiras de outras províncias –, cujos valores são relativamente menores, podemos ver no Gráfico 8 como o comércio exterior foi extremamente importante para o desempenho da balança comercial, não somente em termos do superávit ocorrido, mas também em relação às altas cifras envolvidas nesse tipo de comércio, tanto na importação quanto na exportação.

No referido gráfico, apresentamos a balança comercial para os anos financeiros entre 1860-61 e 1877-78. Dessa forma, os valores colocados nos gráficos 4 e 5 foram somados aos seus respectivos associados e subtraídos entre si, apontando para a compensação dada pela exportação de gêneros nacionais para o estrangeiro em relação à

importação de gêneros nacionais de outras províncias do império. Do mesmo modo, a redução do saldo positivo que se tem com o Comércio Interno não afetou tanto o superávit da balança, pois seus valores comercializados não eram tão expressivos quanto os valores de exportação, apesar de não possibilitar que o saldo da balança comercial tenha a mesma *performance* do saldo do Comércio Exterior, fato demonstrado no Gráfico 9.

GRÁFICO 8



Fonte: Center for Research Libraries. Sítio www.clr.edu. Relatórios dos Presidentes de Província

É interessante citar que as características apresentadas pela balança comercial da província do Maranhão são exclusivas ao século XIX, já que, até o início daquele século, as exportações maranhenses proporcionaram amplos superávits comerciais. Segundo os dados demonstrados por Arruda, em seu livro *O Brasil no Comércio Colonial*, a balança comercial maranhense, num período que abarca o último quartel do século XVIII à primeira década de 1800, somente se apresentou negativa no ano de 1799. Nos demais anos, a exportação apresentou uma distância considerável em relação à importação, e esse fato se torna ainda mais proeminente no fim do período colonial, tanto que durante esse período, ou seja, final do século XVIII e início do

século XIX, o superávit comercial é constante. Em termos absolutos, o comércio de exportação do Maranhão passou de 1.055 contos, em 1796, para 1.776 contos, em 1807, movimento apontado por Arruda como significativo. Essa característica do comércio maranhense permanece até 1811, ano em que os dados demonstrados se encerram³.

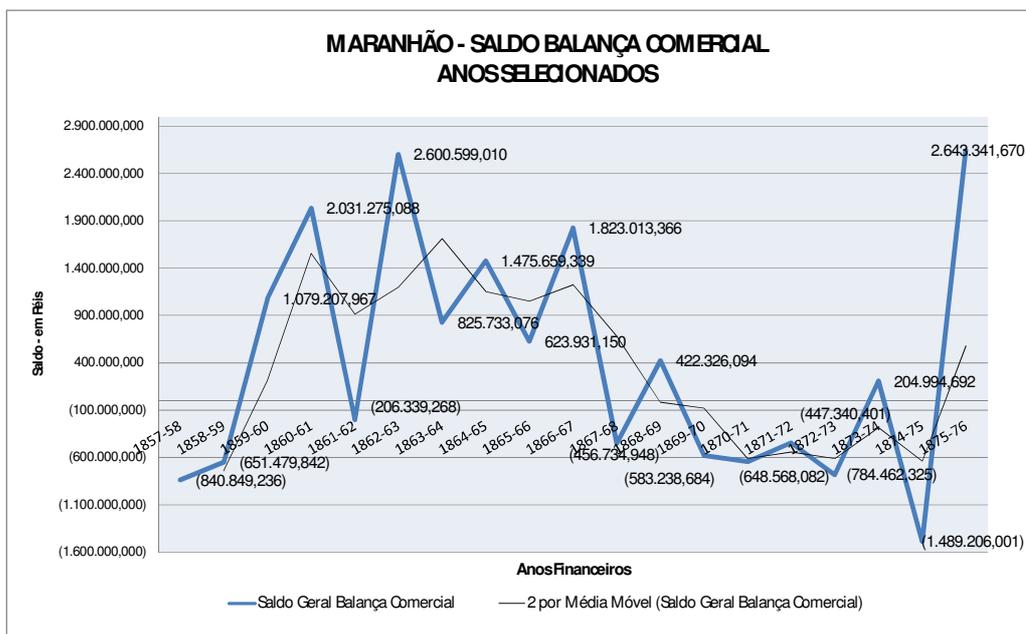
Arruda diz que a economia do Maranhão poderia ser chamada de “a economia do algodão”, já que a participação deste produto na exportação variou entre 73% e 82%. Os mantimentos pouco chegavam a 20%. Para tanto, nada mais normal do que dizer que a significativa exportação maranhense é o resultado do desenvolvimento da agricultura, principalmente do cultivo do algodão e do arroz. Desse modo, o superávit comercial foi um resultado do rápido desenvolvimento da agricultura, a partir do extravasamento monetário, e que sua colocação se torna presente mesmo em períodos anteriores aos analisados por Arruda, como ele mesmo diz: *Este desenvolvimento da economia maranhense é anterior ao ano de 1796. (...) a tendência superavitária se manifesta a partir de 1792, pelos dados que extraímos de J. de Viveiros. Isto nos leva a conjecturar sobre a possibilidade de superávits nos decênios anteriores*⁴. Nos resta esclarecer um conceito importante apresentado por Arruda para nortear os dados por ele apresentados. Arruda cita que o termo “superávit” deve ser tomado com certa restrição, porque não são levados em consideração certos valores contábeis em falta à documentação existente sobre o assunto, especificamente o tráfico de escravos em relação a Praças da África cujas relações comerciais não são de conhecimento exato e que por vezes deixou de ser computado. Esclarecido esse ponto, continuemos nossa análise.

Já foi dito que, no período em análise, somente durante a década de 60 esse fato ocorreu novamente, devido a fatores externos que serão colocados mais adiante. Segundo Viveiros, em *História do Comércio do Maranhão*, os hábitos vividos pelos maranhenses tornaram-se refinados e exigentes depois da abertura dos portos, em 1808, quando os hábitos modestos e costumeiros foram suprimidos pelo contato direto com o “conforto inglês” e o “luxo francês”⁵. Os novos hábitos estimularam as importações de tal modo que, no decorrer do século XIX, o volume gerado por esse comércio passou a tornar negativa a balança comercial.

No gráfico 9 apresentamos o saldo gerado pela balança comercial entre os anos de 1857-58 a 1875-76. A linha em azul destaca os saldos a cada ano financeiro e a

linha em preto, a média móvel referenciada nos movimentos do saldo comercial. As três décadas apresentadas reproduzem o período de saldos positivos da balança comercial maranhense.

GRÁFICO 9



Fonte: Center for Research Libraries. Sítio www.clr.edu. Relatórios dos Presidentes de Província

Há de se interpretar, em particular, as causas que geraram a situação mais notável apresentada neste tópico: os saldos positivos gerados durante a década de 60 e 70 – Gráfico 9. A nova base da balança comercial maranhense foi, durante o período imperial, a responsável pelos seus sucessivos déficits comerciais. Todavia, as décadas de 60 e 70 mostram justamente o período em que o saldo comercial se inverte positivamente. O principal motivo dessa inversão pode ser facilmente delimitado: as crescentes exportações de algodão, devido à redução da oferta norte-americana, já que os EUA entraram em guerra entre 1860-65; e do açúcar. O Maranhão foi diretamente beneficiado pelo fato da Inglaterra ter perdido seu maior mercado de algodão. Diante da ameaça de colapso da indústria têxtil, o Maranhão se beneficiou da súbita elevação de preços decorrente, apesar de sua produção algodoeira não ter se elevado. No entanto, este é um assunto para o tópico Principais Mercadorias Exportadas.

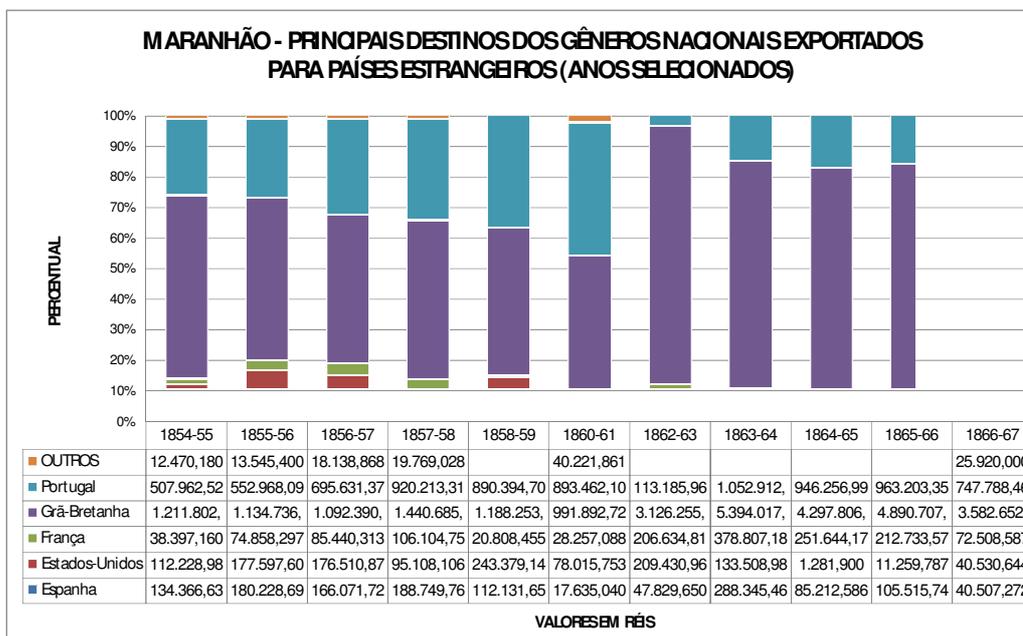
III - Principais mercados – províncias e países.

O Maranhão possuía, no século XIX, uma pauta diversificada em relação aos seus parceiros comerciais. Apesar de enviar e receber navios dos mais diferentes portos do mundo, a exportação e a importação de gêneros durante o período Imperial pode ser dividida entre 5 parceiros: Portugal, Grã-Bretanha, França, Estados Unidos e Espanha; os demais, que se diferenciam entre os citados acima, não apresentam expressividade e constância na pauta de comércio do Maranhão. Dentre esses podemos citar: África, Alemanha, Bélgica, Cuba, Guiana Francesa.

Através do Gráfico 10 representamos os dados quanto ao destino dos gêneros nacionais exportados para países estrangeiros. Neste gráfico relacionamos os 5 principais destinos e reunimos os demais no grupo OUTROS. Percebe-se que, nos anos selecionados, a Grã-Bretanha chega a representar mais de 75% da exportação, a partir de 1862, mas se mostra menor para o período anterior a 1861, o que não significa menos de 50%. Esse percentual parece ter sido obtido pela redução quantitativa das exportações para os Estados Unidos e pelo aumento considerável dos valores de exportação para a própria Grã-Bretanha.

Tal fato é o mesmo comentado anteriormente. Com a Guerra de Secessão, a Inglaterra perdeu seu principal mercado de matérias-primas. Os Estados Unidos viram-se obrigados a reduzir o volume de produção de seus gêneros, especialmente do algodão, a ponto de provocar uma elevação de preços a nível mundial. O Maranhão se aproveitou mais da elevação dos preços do que a elevação da produção. Para a balança comercial, isso significou uma elevação dos valores exportados para a Inglaterra e uma redução da quantidade exportada para os Estados Unidos.

GRÁFICO 10

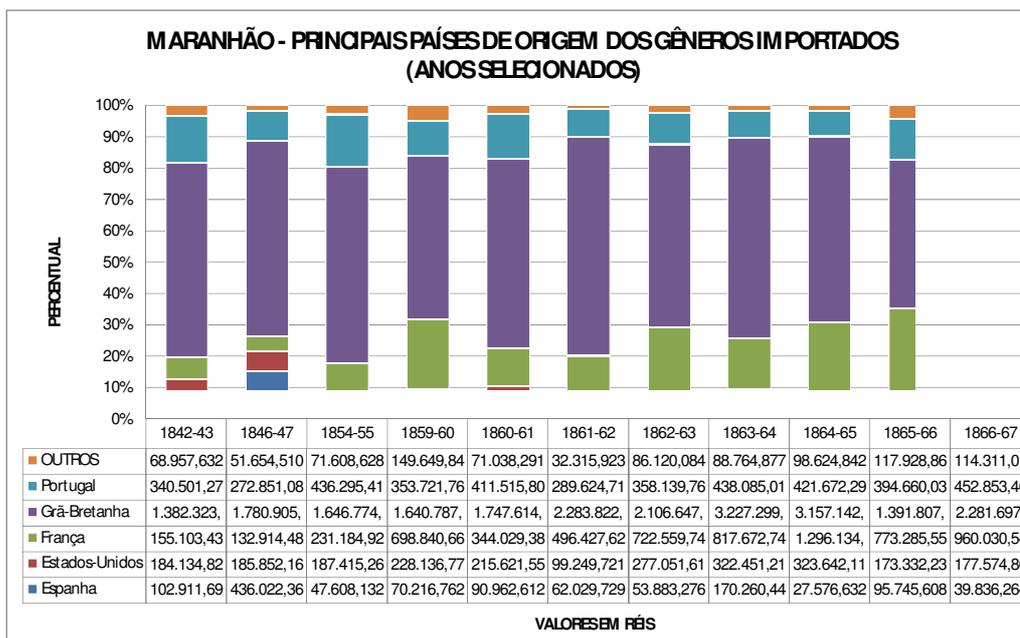


Fonte: Center for Research Libraries. Sítio www.clr.edu. Relatórios dos Presidentes de Província

Poderíamos considerar que Portugal, após a independência do Brasil, tivesse perdido espaço na pauta exportadora do Maranhão, mas nota-se que a perda em percentual de valores exportados se refere ao aumento da quantia total de exportação sem que houvesse um mesmo efeito na quantia exportada (somente para Portugal), de modo que há perdas em termos relativos e não quantitativos.

No entanto, apesar da grande soma de exportações para a Grã-Bretanha, o mesmo processo se verifica na importação. Para facilitar a análise, usamos o mesmo grupo de 5 países para as principais origens de gêneros importados e adicionamos ao grupo OUTROS países e portos não apresentados anteriormente – agora, Portos do Império, Hamburgo, Antuérpia, Argentina, Áustria, África, Bélgica, Cidades Hanseáticas, Cuba, Estados Austríacos, Guiana Francesa, Países Baixos, assim como mostrado no Gráfico 11. Podemos notar que a Grã-Bretanha representa mais de 60%, em média, da importação de gêneros estrangeiros, para os anos selecionados. As outras quatro origens relacionadas são França, com média de 16,5%, Portugal, média de 12,5%, Estados Unidos, média de 6% e Espanha, média de 3%.

GRÁFICO 11



Fonte: Center for Research Libraries. Sítio www.clr.edu. Relatórios dos Presidentes de Província

Da mesma forma, ao analisarmos o comércio interno verificamos uma concentração no destino da exportação. Pelo Gráfico 12 podemos notar que, apesar das somas mais modestas, Pará e Pernambuco são as províncias para as quais exportamos mais, além de Rio de Janeiro, Piauí e Ceará. Já na importação de gêneros nacionais de outras províncias, mostrado no gráfico 13, o Piauí é nossa principal origem, enquanto o restante se divide entre as outras províncias citadas, também selecionadas para facilitar a análise entre exportação e importação. No grupo OUTROS temos Alagoas, Bahia, Maceió, Paraíba e Rio Grande do Norte.